

A MAIOR MAGIA DO MUNDO

© 2023 — Conhecimento Editorial Ltda

A Maior Magia do Mundo

Mariléa de Castro

Todos os direitos desta edição
reservados à

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques

CEP 13485-150 — Limeira — SP

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecâni-
co, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia
e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Ilustração da Capa: Banco de imagens

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

ISBN 978-65-5727-155-1 — 1ª Edição - 2023

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA



Impresso na

Primeira Leitura

a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Castro, Mariléa de

A Maior Magia do Mundo / Mariléa de Castro –
Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2023.

186 p. ; il., color.

ISBN: 978-65-5727-155-1

1. Literatura infanto-juvenil - Magia I. Título

23-3923

CDD – 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil

Mariléa de Castro

A MAIOR MAGIA DO MUNDO



Aos Amigos Maiores que o inspiraram,
toda a gratidão.

Sumário

Capítulo 1 – Ovelhas e atitudes.....	9
Capítulo 2 – O mundo de dentro	12
Capítulo 3 – A luz que é vida.....	28
Capítulo 4 – As fadas	36
Capítulo 5 – Verdades e meias verdades.....	46
Capítulo 6 – A verdadeira história da vida	59
Capítulo 7 – A primeira lei	71
Capítulo 8 – O maior segredo da vida.....	87
Capítulo 9 – Crenças antigas.....	102
Capítulo 10 – Um mago e muitas magias	111
Capítulo 11 – Mais espíritos da natureza	120
Capítulo 12 – Plantas, bichos, gente	127
Capítulo 13 – Tudo é energia.....	133
Capítulo 14 – A escola das magias.....	137
Capítulo 15 – Artall, o mago	146
Capítulo 16 – A maior magia do mundo	155
Capítulo 17 – As fábricas de tudo	162
Capítulo 18 – Onde a magia acontece.....	166
Capítulo 19 – Fazer e mandar fazer.....	173
Capítulo 20 – A maior mentira do mundo.....	180
Capítulo 21 – As coisas precisam começar a acontecer	188

Capítulo um

Ovelhas e atitudes

– Oba! Passeio da escola!! Que legaaal! – Clara jogou a mochila pra cima, pegou no ar, e saiu dançando pela sala. A mãe entrou nesse momento, riu, e depois de beijar a menina:

– Aonde é o passeio? E quando?

– Depois de amanhã, no feriado. E é um lugar bacana, olha só, mãe: uma fazenda, com uma porção de bichos, e a gente vai poder ver tudo, brincar com eles e tal. Vai ser o dia inteiro, vamos almoçar lá. O profe de ciências que inventou. Vamos de ônibus. Tá?

– Que ótimo, minha filha.

– Eu posso ir também? – animou-se o irmão menor, que tinha chegado logo atrás.

– Não! É só pra *minha* turma. Criancinhas pequenas não fazem passeio – implicou a irmã – como costumam fazer as irmãs (e irmãos) mais velhos, se *achando*.

O menino fez cara de quase-choro, e revidou: – Eu *não sou* criancinha! Sou um me-ni-no!

– Calma, meu filho; a sua turma também vai fazer um passeio, daqui a duas semanas; a sua profe me falou. Vai ser bem legal também. E claro que você não é mais *criancinha*, só uma criança, bem querida – e o menino fez uma careta pra irmã.

A mãe abraçou cada um dos filhos de um lado, e foi levando os dois para almoçar junto com o pai.

Dois dias depois, a turma de Clara se esbaldava em todos



os lugares da fazenda. Foram ver as vacas no pasto; deram comida para os elegantísimos cisnes do lago; viram as garças brancas. Alguns andaram a cavalo, pequenos passeios numa égua totalmente mansa, a Menina.

Colheram frutas do pé, pêssegos e ameixas, comeram com gosto. Correram pelo campo, viram – e ouviram – pássaros, caturritas, e “falaram” com um papagaio ensinado, que vivia solto por ali, o Seu Mané.

Mas o grande sucesso foi a visita às ovelhas. Mansas como elas só, deixaram-se acariciar, levar daqui prali, afofar na lâ macia, comeram na mão das crianças. O ponto alto foi quando deram mamadeira para alguns filhotes, ultrafofinhos.

Clara adorou as ovelhas, e quase encostando o nariz no focinho de uma e outra, ficava encantada com o jeito manso delas. Pediu para o profe tirar uma foto dela abraçando uma ovelha de cada lado.

Foi uma manhã intensa. E ainda faltava a tarde! Mas a certa altura chamaram para o almoço, num galpão bonito, todo branco, com longas mesas e bancos. O cardápio do almoço: churrasco, com algumas saladas.

Churrasco de ovelha.

Clara ficou pasma. Não queria acreditar. Virou-se para a melhor amiga, Cris:

– Não é verdade, né? Eles estão inventando isso?

– Não, é verdade mesmo. Eu já vi isso antes.

– Mas... mas como? Eles pegam aquelas ovelhas mansinhas e *matam* pra fazer churrasco?

– Mas todo churrasco é assim, né...

Lágrimas já estavam se formando nos olhos dela – Eu não vou comer isso! De jeito nenhum!

E não comeu.

O passeio perdeu toda a graça para ela a partir dali.

E ideias que ela revirava muitas vezes na cabeça, ao sentar à mesa, ficaram mais claras e fortes.

Capítulo dois

O mundo de dentro

Naquela noite, Clara não conseguia dormir pensando naquela história toda.

Estava de olho aceso, olhando pro nada, pensando.

E lá pelas tantas, ela se dá conta de que o quarto tinha ficado clarinho, uma claridade azulada como de néon... E de repente estava ali, na frente dela, pairando no ar, uma criatura realmente... uau! Linda, de cabelos ruivos longos, vestido verde-claro e...

– Tá brincando... uma fada? Para aí, eu não sou a Wendy e Peter Pan é só uma história... que história é essa? – pensou a menina.

– Não é história, e eu não sou o que você está pensando.

– Como assim, tá lendo meu pensamento? – perguntou, boquiaberta, para a estranha criatura.

– Claro. Isso é bem fácil. Mas não é o que importa agora. Eu vim buscar você.

– Me... buscar? Ah, não, pera aí, isto é um sonho, né? Me buscar para o quê? Pra ir à Terra do Nunca? Ah, eu não sou mais criancinha... Contos de fada...

– Não pense nisto como um sonho.

– Como assim? É de verdade, então? – e um friozinho gozado subiu pela barriga de Clara até o estômago, enquanto um pensamento-relâmpago passava por sua cabeça mais ou menos como: “Nossa, será que está me acontecendo uma coi-

sa fantástica como nos filmes? Não sei se eu queria isso... ”

– Não se preocupe, Clara. Muita coisa da vida é mais fantástica que os filmes... quer ver algumas? Não se preocupe, você vai gostar... Tem a ver com esse assunto que não deixava você dormir...

– Ah! – ela se interessou . Então... então... Mas como é que é? Nós vamos voar, ou o quê? – disse, meio desconfiada – Pó de pirlimpimpim? – com um ar meio de gozação.

– Não, Clara. Aqui onde estamos, o pensamento nos leva aonde quisermos.

Vamos?

A menina nem quis perguntar daquela história de “onde estamos”, com medo da resposta. Limitou-se a dizer:

– Mas a gente vai voltar? Vai demorar?

A fada – bem, Clara estava achando que era uma fada, embora ela tivesse insinuado que não – sorriu e respondeu, divertida:

– Claro que vamos voltar. E antes do amanhecer... Vamos?

“Já que isto deve ser um sonho mesmo, não tem problema”, pensou a garota. E concordou:

– Tá bom, então... vamos, né...

– Um dia você vai entender que não é bem um *sonho*, um sonho comum, mas por enquanto, deixa assim... . – e sorriu com aquele mesmo ar travesso de antes – Pode me dar a mão... venha!

Clara ia estendendo a mão para a... fada, mas parou com o braço no meio do caminho e indagou:

– Você... não é uma fada? Como é seu nome?

– Por enquanto, pode pensar que eu sou... Bem, sou amiga delas... então dá quase no mesmo... não acha? – O mesmo brilho travesso nos olhos verdes. – E o meu nome é Alana.

– Alana? Puxa... Nome legal pra uma fada.

– Então vamos lá, mocinha, que o tempo voa e nós temos que voltar antes do amanhecer...

– Tipo Cinderela, é?

– Isso... Não perca o sapato, viu? – deu uma risadinha.

Clara pegou a mão de Alana, e se viu instantaneamente ao lado dela, pairando no ar acima de sua cama. Olhou o quarto em torno, naquela luz azulada, e deu com um fio estranho, mais ou menos da grossura de um lápis, de luz branca, meio prateada e brilhante, que balançava suavemente atrás dela, e ia... ia... nossa, ia terminar... em sua nuca!

– O que é isso? – assustou-se

– Nada de mais. É para você saber o caminho de volta.

– Como é que é?!

– Lembra da história do Minotauro?

– Claro... eu li todos os livros do Lobato!

– Lembra que o Minotauro morava num labirinto, e para alguém poder entrar até o fim e depois sair, o jeito era ir desenrolando um fio que ficava preso na entrada?

– Ah, claro.

– Pois é, esse é o fio para poder voltar a seu quarto.

– Hum... (“Faz sentido”) ... mas... (“É estranho, mas nos sonhos é tudo meio estranho, então tudo bem”).

Alana continuava sorrindo como se estivesse se divertindo muito. “Tá lendo meus pensamentos de novo”, pensou a menina.

– Vamos, então?

– Vamos... Mas é pra onde, mesmo?

– Para você conhecer a maior magia do mundo. – E saiu voando rápido, com a menina pela mão, tão surpreendida que nem deu pra dizer nada.

Só conseguiu fechar os olhos.



– Pronto, Clara. Pode abrir os olhos – Alana falava num tom de “olha só”.

Clara suspirou fundo e olhou.



A clareira do bosque era uma beleza. Uma cascata caía ao fundo, fazendo um barulhinho gostoso num lago cheio de peixes. Ao redor, todo tipo de árvore que se possa imaginar, verdes de muitos tons. E floridas.

Cigarras zuniam ao sol, entre os cantos de pássaros. Libélulas e borboletas voavam de lá pra cá, e abelhas vojavam sobre as flores.

O mais incrível, porém, eram os animais – bichos de quatro patas – soltos por ali. Lebres cor de caramelo, como bichos de pelúcia, comendo folhas, e algumas em pé nas patas traseiras, cheirando o ar com o focinho curioso; uma família de veados – pai, mãe e duas corcinhas novas, parecendo o Bambi; uma pequena raposa avermelhada, deitada no chão, tomando banho de sol; um pavão incrível, com o leque aberto, passeando devagar e se mostrando; duas corujas empoleiradas num galho, torcendo as cabeças para olhar melhor.

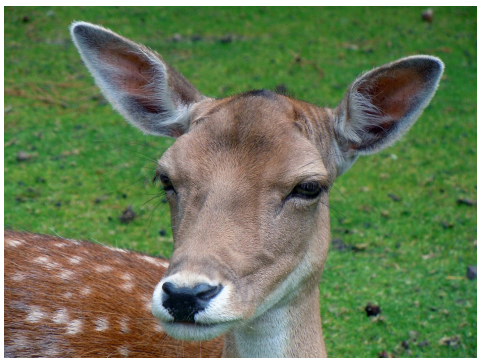
Clara não sabia o que olhar primeiro. Deu vontade de tocar em todos.

– “Como é que eles estão todos juntos? Que lindos... Onde será que estamos?” – pensava.

– Estamos no Mundo de Dentro – Alana respondeu aos pensamentos dela.

– Mundo de Dentro? Onde é isso?

– É dentro do mundo dos homens de carne e osso.



– Tem um outro mundo dentro dele?

– Tem.

– Mas... tem de verdade, ou é só no meu sonho?

– Tem de verdade. Ele está sempre aí, só que as pessoas normalmente não enxergam. Só algumas.

– Nossa... que legal... Mas o que é que tem nesse mundo?

– Tudo que há no Mundo de Fora, só que melhor e mais bonito.

– Ah, é? Tem casas, gente, bichos?

– Sim, você não está vendo? Árvores, água, bichos, sol, nuvens, céu... E tem casas e gente também, só que agora não vamos ver.

– Hum... e eu posso brincar com os bichinhos?

– Pode.

– Eles não vão fugir?

Alana deu uma das suas risadinhas divertidas:

– Não, Clara, aqui eles não têm medo de ninguém. Vá, experimente...

A menina não esperou segunda ordem. Foi direto a uma lebre que a olhava curiosa, mexendo o focinho. Estendeu a mão devagar, achando que ela ia pular para longe. Nada disso. Deslizou a mão sobre o pelo macio, e o bichinho ficou faceiro, ensaiando um pulinho. Animada, Clara não se conteve e pegou o animalzinho no colo, abraçando aquele pelo macio. A lebre ficou quietinha, abanando de leve as orelhas, como quem diz “Gostei”.

Depois, a menina, mais confiante, foi em direção à família de veados, que pastava tranquila. Encantada com as pequenas corças, foi chegando e acariciando as cabeças delas.

Pois as bichinhas não só não fugiram, como retribuíram... com umas focinhadas carinhosas nas orelhas dela, que riu, deliciada. Acariciou a família toda, brincou com eles... pareciam bichinhos de estimação, de tão mansinhos.

– Todos são assim, aqui? – perguntou por fim.

– Todos.

– Por que eles não têm medo da gente?

– Porque sentem o carinho das pessoas, e que ninguém pensa em fazer mal a nenhum deles.

– Mas por que lá... bom, no nosso mundo, eles fogem, mesmo que a gente sinta a mesma coisa?

– Estão acostumados à ferocidade dos homens. Gente, para eles, é sinal de perigo, e não param pra saber se tem ou não má intenção. É pernas pra que te quero...

– Chato isso, né... seria tão bom a gente chegar neles assim...

Alana abanou a cabeça num “sim” pensativo.

Mas Clara não estava satisfeita.

– E as corujas... como é que é... ?

– Quer conversar com elas?

– Queria, mas...

– Chegue embaixo da árvore e estenda o braço.

Clara não se fez de rogada. Estendeu o braço na direção das aves, que a miravam com interesse. Num instante, uma delas voou devagar e veio pousar delicadamente no seu antebraço.

Clara estava encantada, e voltou para Alana o rosto que era um sorriso só.

– Olha isso!

Alana sorria. E ainda acrescentou:

– Estenda o outro braço, vá...

E no outro braço da menina veio pousar a segunda senhora de penas cinzentas.

Ambas ficaram, muito solenes, contemplando a menina

com interesse. Ela riu, feliz.

Acariciou as corujas de leve, com o rosto, e depois elevou os braços, e elas voaram elegantemente de volta ao galho.

– Que fantástico... É sempre assim, com todos os pássaros?

– Sim.

Clara suspirou. Correu os olhos pela clareira, e foi indo devagar na direção da raposa vermelha, que tomava sol, deitada de lado, preguiçosa. Acariciou a barriga do bichinho, e ela se esticou, feliz, como um gato.

– Puxa, que coisa, hein? Ninguém vai acreditar quando eu contar este sonho...

Alana não disse nada, sorria... Depois, tomou a mão da menina e disse:

– Venha, quero lhe mostrar outra coisa. E saíram num voo rápido, tão rápido que quando Clara se deu conta estavam numa outra clareira, parecida, e ela abrindo os olhos.

E agora a menina olhava para o grande urso marrom que ressonava tranquilo, parecendo o Baloo da história de Mogli. Faltava coragem para chegar perto, e Clara ficou olhando como hipnotizada.

Mas Alana se aproximou e delicadamente acariciou a cabeça e as orelhas do grande animal. Ele nem abriu os olhos. Deu uma espécie de suspiro de satisfação e continuou fazendo a sesta. Alana chamou a menina com a mão.

Apontou o urso, como quem diz “pode fazer também”.

Protegida pela proximidade de Alana, Clara esticou a mão e acariciou também o pelo macio e as orelhas do animal. Novo suspiro de bem-estar, e ele tampouco abriu os olhos.

Os olhos de Clara brilhavam.

– Nossa, um urso! Um urso! Eu toquei nele... como é que pode? Mas ele não é de verdade, é? Um urso como... como os outros que a gente vê no... no nosso mundo?

– Claro que é. Ele só está no Mundo de Dentro, como os outros, esperando para voltar.

– Voltar? Pra onde?

– Para o Mundo de Fora. Eles vão e vêm muitas vezes. Nascem de novo...

– Nascem lá? E quando morrem, vêm pra cá?

– Isso. Menina sabida.

– Mas, e ficam indo e voltando pra sempre?

– Pra sempre não. Só enquanto for preciso.

– Preciso pra quê?

– Para aprenderem.

– Aprenderem o quê?

– A ter cada vez mais sentimentos, depois um pouco de pensamento.

– Mas os bichos pensam?

– Como é que você acha que os cachorros aprendem tanta coisa, e os cavalos, e aqueles elefantes dos filmes, e os chimpanzés, que fazem coisas incríveis?

– Hum... Eles pensam, então? Como a gente?

– Não, igualzinho à gente, não. Mas os mais adiantados – evoluídos, é como se diz – como os cavalos, elefantes, chimpanzés, e os gatos e cachorros, pensam mais ou menos como, vamos dizer, um bebê pequeno, entende?

– Sei... – e Clara ficou pensando, imaginando... Depois:

– Tá, mas eles aprendem tudo isso pra quê? O que acontece depois?

– Depois, eles *passam de ano*.

– Como assim??

– Depois de aprender tudo o que puderam como animais, indo e voltando, e eles voltam não só numa espécie, mas vão mudando... de animal selvagem para gato, cachorro, e cavalo, elefante, gorila, chimpanzé... por fim, eles terminam o *curso de animais*, que é como fazer do primeiro ao quinto ano, entende? E passam para o sexto ano, por assim dizer...

– Como é que é isso?

– Vão fazer um curso mais avançado, nascendo como outro tipo de criaturinhas.

– Mas que criaturinhas são essas? Tipo gente?

– Ainda não... são uma espécie de curso entre bicho e gente.

– Como assim, Alana? Quer dizer que um dia eles... vão ser gente também?

Alana sorriu suavemente e abanou a cabeça num longo “sim” silencioso.

– Vão ser gente um dia... – e Clara ficou pensativa, por longos minutos – Como é que pode...

Mas logo voltou à carga:

– Mas me explica, que tipo de “criaturinhas” são essas? Como é que elas são?

– Calma aí, garota. Nós vamos conhecer isso de perto, daqui a pouco mais, tá bom?

– Tá bom... fiquei curiosa. Eu nunca ouvi falar disso.

– Ouviu, mas não sabia que era bem isso. Depois você vai ver.

– Ah, então me leva pra ver, pode ser agora?

– Menina curiosa... Mas se não fosse, você não estaria aqui... – e Alana deu a famosa risadinha, acariciando a cabeça da menina.

Clara passou os olhos pela clareira, e vinha vindo um pavão, todo metido a bacana. Passou perto delas sem receio, e se foi, sacudindo aquele leque fantástico. Clara ficou admirando o bicho.

– Todos vão ser gente um dia, Alana? As aves, todos?

– Sim, todos.

– Os peixes também?

– Também, mas esses, vai demorar um pouco mais.

– Garanto que vão ser muitas coisas antes...

– Isso mesmo.

– E as minhocas? E as formigas?

– Tudo vai subindo junto, como numa escada. Os do degrau de baixo subindo pro degrau de cima, e os outros vêm atrás. Claro que demora muito...